

LIÇÃO Nº 03 – AS ABOMINAÇÕES DO TEMPLO

Subsídio elaborado por
Inacio de Carvalho Neto.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

- A literatura apocalíptica se caracteriza pela presença de símbolos, sonhos e visões. O livro de Apocalipse é um exemplo clássico desse modelo literário. Mas não é o único. No Velho Testamento, foi Ezequiel quem inaugurou esse estilo literário, sendo depois seguido por Daniel.
- O livro de Ezequiel começa e termina com esse estilo literário apocalíptico. Mas, além do capítulo 1 e dos capítulos 40 ao 48, os capítulos 8 ao 11 também foram escritos em estilo apocalíptico. Nesta lição, estudaremos o primeiro deles, o capítulo 8.
- Existem várias correlações entre as três visões (capítulos 1, 8-11 e 40-48), como, por exemplo: 1) a descrição do homem que tomou Ezequiel é semelhante tanto na visão do capítulo 1 quanto na dos capítulos 8-11; 2) a menção da data aparece nas três visões; 3) a “mão do Senhor” ocorre tanto na visão dos capítulos 8-11 quanto na dos capítulos 40-48; 4) a expressão “visões de Deus” aparece na visão do capítulo 1 e na dos capítulos 40-48.
- No capítulo 8 Deus revela a Ezequiel as abominações do templo de Jerusalém. Abominação é algo detestável, repugnante, ofensivo. O templo era o lugar mais sagrado de Jerusalém, mas havia se tornado o centro das abominações, servindo como prenúncio da apostasia generalizada dos fins dos tempos.
- Ezequiel costuma indicar as datas precisas em que Deus lhe falou, diferindo dos demais profetas, que não costumam ter precisão de datas. Só Ageu e Jeremias (apenas em algumas ocasiões) fizeram o mesmo que Ezequiel.
- As visões do capítulo 8 de Ezequiel ocorreram no sexto ano, no mês sexto. Portanto, catorze meses depois da primeira visão, que ocorreu no quinto ano, mês quinto (Ez. 1.1-2). Esta data é contada a partir do cativeiro do rei Joaquim (Ez. 1.2), que ocorreu em 16 de março de 598 a.C., juntamente com Ezequiel e 10.000 cativos (2Rs. 24.10-15; 2Cr. 36.10). Portanto, a visão do capítulo 8 ocorreu no ano 592 a.C..
- Esta data é importante porque mostra que a cidade e o templo ainda não haviam sido destruídos, o que só ocorreu alguns anos mais tarde.
- Esta visão é preterista, porque se relaciona com os acontecimentos contemporâneos de Ezequiel, mas isso não exclui o futurismo, pois ele anuncia eventos que estavam para acontecer (Ez. 8.18).
- Esta foi a segunda visão de Ezequiel (a primeira está nos capítulos 1 a 3), e foi registrada em 4 capítulos (8 ao 11). O capítulo 8, que aqui nos interessa, mostra as abominações que vinham ocorrendo no templo por gerações.

- Ezequiel estava em sua casa na Babilônia e com ele estavam os anciãos exilados. Lembrando que Ezequiel era um sacerdote (Ez. 1.3) que foi levado cativo aos 25 anos de idade, idade na qual iniciaria seu ofício sacerdotal. A presença dos anciãos na casa do profeta mostra o reconhecimento da autoridade de Ezequiel pela comunidade durante o exílio, embora Ez. 2.6 mencione certa resistência à sua mensagem.
- De repente, a mão de Deus caiu sobre Ezequiel. Evidentemente, é uma linguagem figurada (antropomorfismo), pois Deus não tem mãos. Tanto que, no v. 3, Ezequiel fala em “algo em forma de mão”. Notemos também que a visão foi somente para Ezequiel, os anciãos que estavam com ele nada viram.
- Ezequiel então viu uma figura “como de um homem”. A parte da cintura para baixo era fogo, e da cintura para cima, como o resplendor de metal brilhante.
- Ezequiel foi tomado pelos cabelos e levantado entre a terra e o céu. Em seguida, o profeta foi conduzido, em visão, ao templo de Jerusalém. Nota-se, então, que o transporte foi em visão, ou seja, ele não foi fisicamente levado a Jerusalém, mas apenas em visão, o que não significa que o fato não fosse real, apenas não foi físico.
- E daí Deus começa a mostrar a Ezequiel as abominações que eram feitas no templo, uma de cada vez, e cada uma mais grave que a anterior. É de se notar que as abominações iam ficando cada vez mais graves conforme mais internamente no templo elas ocorriam.
- Deus começou a mostrar a Ezequiel as abominações da parte de fora do templo, e daí foi adentrando ao templo. E, conforme eles iam adentrando ao templo, a coisa ia ficando cada vez pior. O lugar que era pra ser o mais santo de Israel estava, ao contrário, repleto de abominações. E, quanto mais se adentrava nesse lugar, mais abominações se via.
- Como sacerdote, Ezequiel conhecia bem o templo e estava apto a observar as abominações que estavam sendo feitas ali.
- Todas as abominações estavam ligadas a ídolos. O pecado de idolatria infringia diretamente o primeiro mandamento do Decálogo (“não terás outros deuses diante de Mim” – Ex. 20.7; Dt. 5.7)), e estava arraigado entre os judeus dessa época.
- Para piorar, a idolatria estava sendo cometida dentro da Casa de Deus, no próprio santuário, inclusive pelos sacerdotes. Deus reclama com Ezequiel que o povo fazia as abominações “para que eu me afaste do meu santuário” (v. 6), deixando claro que Ele não poderia conviver com essas abominações.
- Mas observemos que, no v. 4, Ezequiel descreve que a glória de Deus ainda estava no templo, da mesma forma que na sua primeira visão (Ez. 1). Mais adiante, no capítulo 10, Ezequiel irá descrever a retirada da glória de Deus do templo.
- A primeira abominação era uma “imagem de ciúmes” (v. 3). Não temos como saber exatamente que imagem seria essa, mas provavelmente era uma imagem de Aserá.
- O rei Manassés já tinha cometido o mesmo desatino (2Rs. 21.7; 2Cr. 33.7), que fora depois destruída por seu neto Josias (2Rs. 23.6). E, agora, novamente alguém colocou uma imagem no templo. Não sabemos se a mesma imagem, ou outra.

- Mas o que realmente importa é que ela provocava ciúmes em Deus. Deus não aceita que a Sua glória seja dada a outrem. A Bíblia deixa claro que Deus tem ciúmes (Ez. 16.42; Tg. 4.5). Ciúme é um ressentimento em ver o que é seu sendo dado a outro. Aqui, evidencia a ira de Deus pela ofensa que a presença do ídolo representava no recinto do templo de Deus.

- Hoje, o templo de Deus somos nós. Não podemos fazer como os judeus da época de Ezequiel, colocando abominações no Seu templo. Nosso corpo, que é templo de Deus, deve ser santo, separado.

- A segunda abominação é pior do que a primeira. Mas antes, para chegar a ela, Ezequiel foi levado à entrada do átrio do templo, onde ele viu um buraco na parede, tendo lhe sido dito para escavar aquela parede.

- Os comentaristas questionam por que ele teria que escavar, se havia um buraco. Parece-nos que o buraco não era de tamanho suficiente para que ele passasse, e então ele precisaria escavar, aumentando o tamanho do buraco, para então passar por ele. Mas não há certeza sobre isso, e nem parece que isso seja um detalhe importante.

- Depois de escavada a parede, apareceu uma porta, por onde Ezequiel entrou e viu as abominações que eram feitas ali. O texto sugere que havia no templo uma ou várias sala(s) secreta(s), onde os anciãos faziam suas abominações.

- As abominações, desta vez, eram figuras de animais e de ídolos gravadas nas paredes. Eram animais que rastejam e animais impuros, ou seja, animais que os judeus não poderiam sequer tocar (Lv. 11). E, no entanto, eles estavam adorando esses animais, além dos ídolos.

- Na Babilônia não era comum a adoração a animais, embora existissem algumas imagens de demônios com cabeças de animais. Mas os egípcios adoravam vários deuses em forma de animais, como crocodilos, cobras, escaravelhos, bois, ovelhas, gatos etc.

- Alguns comentaristas mencionam que esse ritual demonstrava uma postura política: como parte da nobreza de Israel tinha sido levada para a Babilônia, então, para os remanescentes, a esperança política estava no Egito (sem levarem em conta que a esperança estava em Deus, não no Egito). O ritual religioso, neste caso, era um alinhamento com os egípcios.

- Desta vez as pessoas que estavam ali adorando eram os setenta anciãos de Israel. Portanto, eram os homens mais importantes de todo o povo, abaixo apenas do rei e dos sacerdotes.

- Entre eles é citado especialmente Jazania, que era descendente de Safã (o texto bíblico fala em “filho de Safã”, mas não é necessariamente filho, pode ser um neto, bisneto etc). Safã participou da reforma do rei Josias (2Rs. 22.11-14). Isso indica que Jazania abandonou os caminhos de seu ascendente para seguir a idolatria.

- O texto menciona em seguida que cada ancião tinha na mão o seu incensário e subia uma nuvem de incenso. O incenso era parte do ritual do Dia da Expição e a nuvem representava a presença de Deus (Lv. 16.1-3, 13). Mas o incenso também era parte dos cultos pagãos. Portanto, há aqui provavelmente uma situação de sincretismo religioso, que é a fusão (mistura) de cultos diferentes.

- Os anciãos haviam perdido completamente a fé em Deus, pois diziam “O Senhor não vê, o Senhor abandonou a terra”. Esse era um ditado comumente usado pelos demais povos da época, que sempre vinculavam o deus à sua cidade. Quando o deus abandonava a cidade, ela ficava vulnerável à invasão de estrangeiros.

- Abandonando completamente a fé em Deus, os anciãos estavam então invocando deuses egípcios para tentar obter livramento dos babilônicos, esquecendo que o único verdadeiro Deus é Jeová. Esse mesmo pensamento é mencionado também por outros profetas (Is. 40.27; Sf. 1.12).

- Dizer que o Senhor não vê é, além de tudo, negar a onipresença e a onisciência de Deus. Assim, esses homens, que deveriam ser os primeiros a manifestarem conhecimento acerca de Deus, na verdade estavam revelando que nada sabiam sobre Deus.

- E, ao dizerem que Deus havia abandonado a terra, eles estavam desconsiderando todas as mensagens que Deus tinha mandado por meio de seus profetas, notadamente Jeremias, que há décadas vinha alertando o povo da necessidade de arrependimento.

- Deus estava vendo tudo e não havia abandonado Seu povo. Esses idólatras é que estavam cegos espiritualmente, pois tinham abandonado ao Senhor.

- A terceira abominação é pior do que a segunda. Na entrada do portão norte do templo, mulheres estavam chorando por Tamuz.

- Tamuz era uma divindade suméria, também chamada de Adônis pelos gregos, e de Osíris pelos egípcios. Os babilônicos diziam que ela era filho de Semírames com Marduque, que era o principal deus babilônico, e que era marido-irmão da deusa Ishtar (também chamada Astarte ou Astarote), a deusa da fertilidade (1Rs. 11.5,33).

- Tamuz era o deus da vegetação e dos rebanhos. A crença babilônica é que ele ficava seis meses morto no submundo, no período da seca, e seis meses vivo no período das chuvas. Então era realizado anualmente um ritual de lamento em favor de Tamuz no segundo dia do quarto mês, para que ele ressuscitasse e fizesse chover.

- A influência desse deus foi tão grande que, depois do cativeiro babilônico, os judeus deram ao quarto mês do calendário religioso (correspondente ao nosso mês de junho/julho) o nome de Tamuz.

- Esse ritual era feita pelas mulheres, chamadas de carpideiras, que eram prateadores profissionais, contratadas para chorar nos velórios e enterros, para fazer que os outros também chorassem (Jr. 9.17; Os. 9.4; Mt. 9.23; Mc. 5.38; Lc. 8.52).

- É possível que esta terceira abominação fosse também um culto sincrético, influenciado pelos babilônicos. Como a visão é do sexto mês, poderia ser uma adoração a Jeová e a Tamuz ao mesmo tempo.

- Essa terceira abominação é pior do que as anteriores por conta da perversão sexual envolvida no ritual. Aliás, uma das características da apostasia espiritual é o aumento da prostituição e dos pecados contra o corpo, porque a imoralidade sexual é um caminho a mais na depravação da humanidade (Cf. Rm. 1.24). Nos tempos modernos, em que também vivemos uma grande apostasia espiritual, a imoralidade sexual está tomando conta de muitas pessoas, até mesmo dentro das igrejas.

- A quarta e última abominação mostrada por Deus a Ezequiel é também a pior de todas: no átrio interior do templo, entre o pórtico e o altar, cerca de 25 homens de costas para o templo, virados para o Oriente, adorando o sol.
- Moisés já tinha advertido o povo de Israel contra a possibilidade dessa adoração indevida aos corpos celestes (Dt. 4.19). E o rei Josias tinha destituído os sacerdotes que queimavam incenso ao sol e a outros deuses (2Rs. 11.5,11).
- O sol era cultuado tanto na Babilônia como no Egito. Inclusive, no Egito, havia o templo do sol (Bete-Semes - Jr. 43.13). Não é a mesma Bete-Semes de Judá (2Rs. 14.11). Era a antiga cidade egípcia de Om (nome hebraico), ou Heliópolis, em grego (Gn. 41.45,50), uma cidade dedicada ao deus-sol, conhecido também como Rá pelos egípcios, ou Shamash pelos babilônicos.
- Observemos que essa adoração ao sol era realizada no pátio de dentro (v. 3), entre o pórtico e o altar. Esse lugar é sagrado; nele os sacerdotes clamam a Deus pelo povo no dia do jejum (Jl. 2.17). Portanto, embora Ezequiel não identifique os homens como sacerdotes, é provável que fossem sacerdotes, pois só os sacerdotes tinham acesso a esse pátio interno.
- Notem que os homens estão de costas para o templo, simbolizando sua rejeição a Deus.
- Um *midrash* (ensinamento baseado nas Escrituras e interpretação dos doutores da lei) judaico diz que o culto ao sol teria sido um dos primeiros fatores que teria levado Abrão a abandonar a idolatria dos seus conterrâneos.
- No v. 17, Deus ainda acrescenta na visão o problema social: além da rejeição a Deus, eles ainda estavam enchendo a terra de violência, lembrando da mesma condenação que Deus fez nos dias de Noé (Gn. 6.11).
- A referência a chegar “o ramo ao seu nariz” no v. 17 tem significado incerto. Mas, provavelmente, era também algum ritual idolátrico.
- A consequência de toda essa abominação só poderia ser a destruição do templo, da cidade e do povo, o que Deus anunciou no v. 18, e nos capítulos 9 a 11 (que serão estudados na próxima lição).
- Essas abominações não estavam ocorrendo apenas no período de Ezequiel, mas por 390 anos (Ez. 4.5). Isto reforça o que sempre digo: o juízo de Deus é sempre acompanhado de misericórdia. Deus é tardio em irar-se. Ele sempre espera o arrependimento, Ele sempre dá chance ao homem para voltar-se a Ele. O juízo só vem depois de muito tempo.

Texto Áureo:

Ez. 8.6

6 E disse-me: Filho do homem, vês tu o que eles estão fazendo? As grandes abominações que a casa de Israel faz aqui, para que me afaste do meu santuário? Mas verás ainda maiores abominações.

- Cena após cena, Deus revelou a Ezequiel a que ponto as pessoas chegaram na prática da idolatria e da impiedade. O Espírito de Deus trabalha dentro de nós de um modo semelhante, revelando o pecado que espreita a nossa vida. Como você se sentiria se Deus tornasse sua vida transparente hoje?

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Ez. 8.5,6,9-12,14,16

5 E disse-me: Filho do homem, levanta agora os teus olhos para o caminho do norte. E levantei os meus olhos para o caminho do norte, e eis que da banda do norte, à porta do altar, estava esta imagem de ciúmes, à entrada.

- Pode ser que a “imagem de ciúmes” fosse a imagem de Asera, a deusa canaanita da fertilidade, cujo culto encorajava a imoralidade sexual e a satisfação pessoal. O rei Manassés colocou este ídolo no Templo (2 Rs 21.7). O rei Josias queimou o poste-ídolo de Asera (2 Rs 23.6), mas certamente existiam ali muitos outros ídolos.

6 E disse-me: Filho do homem, vê tu o que eles estão fazendo? As grandes abominações que a casa de Israel faz aqui, para que me afaste do meu santuário? Mas ainda tornarás a ver maiores abominações.

- PARA QUE ME AFASTE DO MEU SANTUÁRIO? Deus revelou a Ezequiel que Ele não habitaria no templo, se a idolatria e outros pecados fossem tolerados. Da igual maneira, Jesus declarou que as igrejas que se comprometem com o mundo, que desprezam o ensino bíblico ou que toleram a imoralidade ficarão sem a sua presença, e não terão lugar no reino de Deus (Ap. 2;3).

9 Então me disse: Entra, e vê as malignas abominações que eles fazem aqui.

- Ezequiel mais uma vez é convidado a ver as malignas abominações que eram realizadas no templo.

12 Então me disse: Viste, filho do homem, o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, cada um nas suas câmaras pintadas de imagens? Pois dizem: O Senhor não nos vê; o Senhor abandonou a terra.

- Um lugar secreto foi, por assim dizer, aberto, onde o profeta viu criaturas pintadas nas paredes, e vários anciãos de Israel adoraram diante deles. Nenhuma superioridade em assuntos mundanos preservará os homens da luxúria, ou idolatria, quando forem deixados em seus próprios corações enganosos; e aqueles que logo estão cansados no serviço de Deus, muitas vezes não se preocupam com trabalho ou despesa ao seguir suas superstições. Quando os hipócritas se escondem atrás do muro de uma profissão externa, resta um buraco ou outro no muro, algo que os trai àqueles que olham diligentemente. Há muita maldade secreta no mundo. Eles pensam que estão fora da vista de Deus. Mas aqueles realmente estão maduros para a ruína, que colocam a culpa de seus pecados no Senhor.

14 E levou-me à entrada da porta da casa do Senhor, que está do lado norte, e eis que estavam ali mulheres assentadas chorando a Tamuz.

- Tamuz era o deus babilônico da vegetação. Quando a vida vegetal morria no outono, o povo lamentava, julgando ser aquilo a morte do ídolo. As mulheres de Judá abandonaram a Deus, o Senhor, e voltaram-se para deuses como esse, em busca de socorro e benefícios.

- Tamuz era o deus babilônico da primavera. Ele era o marido ou amante da deusa Istar. Os seguidores desta seita acreditavam que a vegetação secava e morria no verão, porque Tamuz havia morrido e descido ao mundo inferior. Deste modo, os adoradores choraram e lamentaram sua morte. Na primavera, quando a nova vegetação aparecia, eles se regozijavam, acreditando que Tamuz ressuscitara. Deus mostrou a Ezequiel que muitas pessoas não estavam mais adorando ao verdadeiro Deus da vida e Criador da natureza. Nós também devemos ter o cuidado de não desperdiçar tanto tempo pensando nos benefícios da criação, perdendo de vista o Criador.

16 E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor, e eis que estavam à entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o oriente; e eles, virados para o oriente adoravam o sol.

- Chega-se agora ao clímax da revelação, a maior das abominações, que era feita no átrio interior do templo. Cerca de 25 homens, de costas para o templo, adoravam o sol, em evidente afronta a Deus, criador do sol e de todas as coisas.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – As abominações do Templo**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As abominações do templo**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.

- NEVES, Natalino das. **As abominações do templo.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **As abominações do templo.** Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- OLIVEIRA, Euclides. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe.** Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- Soares, Ezequias. **Lições Bíblicas: A justiça divina – A preparação do povo de Deus para os últimos dias no livro de Ezequiel.** Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- Soares, Ezequias. **A justiça divina – A preparação do povo de Deus para os últimos dias no livro de Ezequiel.** Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês.** Editora Vida Nova.